

Entrevista RONALD LEE

MONICA WEINBERG

Fazer mais com menos braços

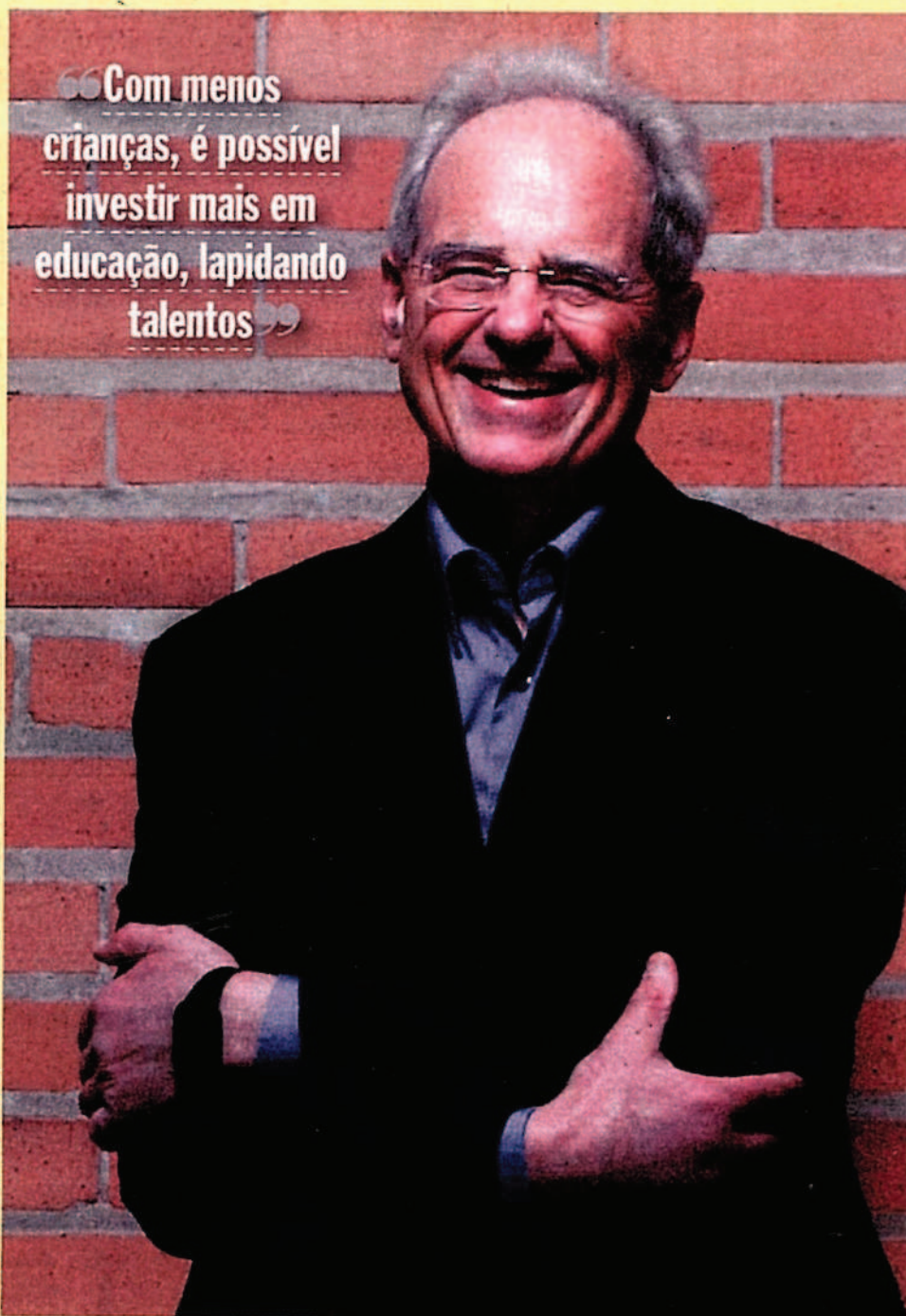
O economista americano não se assusta com um mundo com mais idosos e menos bebês, desde que a chance de investir na formação de mentes inovadoras seja aproveitada

Estudioso das questões demográficas há mais de quatro décadas, o economista americano Ronald Lee, 70 anos, professor da Universidade da Califórnia em Berkeley, tem se dedicado nos últimos anos a analisar e tentar antecipar reações a um dilema social que tira o sono de governos no mundo todo. Em que bases vai se sustentar a economia de países onde nascem cada vez menos crianças e os aposentados vivem cada vez mais tempo? Lee afirma que os efeitos desse ônus demográfico já começam a afetar as nações ricas e que o Brasil também não escapará deles. Alerta o professor, que atualmente conduz uma pesquisa sobre o envelhecimento populacional em 28 países, incluindo o Brasil: "As saídas para um mundo mais velho e melhor passam pela adoção de medidas incômodas e inéditas, que quebrem a lógica reinante".

Por que o senhor mantém um tom sempre mais otimista que o de seus colegas em relação ao envelhecimento da população mundial? Seria inocente de minha parte sair por aí divulgando uma visão idílica de uma questão que já coloca aos países com maior concentração de gente idosa, como o Japão e boa parte dos europeus, obstáculos e desafios tão complexos. Cedo ou tarde, está claro que todos terão de encarar reformas radicais para arcar com os custos desse contingente que não produz. Dito isso, é possível afirmar, sim, que há certos aspectos do envelhecimento que, se bem aproveitados, podem atenuar suas consequências, ou mesmo neutralizá-las a longo prazo. São oportunidades que não devem ser perdidas.

Quais seriam elas? Quando há menos crianças em uma sociedade, torna-se possível investir substancialmente mais na educação de cada uma, lapidando e potencializando talentos a serviço da

Com menos crianças, é possível investir mais em educação, lapidando talentos



DAVID HERNIMAN/THE GORDONBY GROUP

Entrevista RONALD LEE

economia. Isso já está acontecendo em lugares como Japão e Taiwan, onde reinam as famílias com filho único. Ali, o gasto por estudante ao longo da vida escolar equivale a seis anos de trabalho de seus pais. É uma boa quantia. Só para comparar, em nações africanas, onde as taxas de fecundidade persistem altas e as famílias são numerosas, as cifras não passam de um terço desse valor, já que o rateio das verbas, públicas e privadas, é feito em um universo muito maior. Uma força de trabalho mais educada e pronta para ser criativa e inovadora tem grandes chances de levar a produtividade às alturas. É desse jeito que, acredito, os países mais envelhecidos poderão compensar sua desvantagem demográfica.

Isso se aplica mesmo a um país como o Japão, onde os mais velhos já representam quase um terço de toda a população? Os ganhos de produtividade podem se elevar a níveis tão altos que talvez cheguem a compensar a escassez de mão de obra mesmo nesses cenários mais extremos. É preciso considerar também que as economias mais avançadas exigem cada vez menos braços e mais cérebro. Há ainda um terceiro ponto, representado pelos avanços da medicina, graças aos quais as pessoas conseguem se manter ativas, física e mentalmente, por muito mais tempo. Um interessante conjunto de pesquisas americanas a respeito mostra que as pessoas de 70 anos hoje estão tão ou mais saudáveis que as de 60 de três décadas atrás. A maioria segue apta para o trabalho. É com base nessa nova realidade que defendo, sem as meias palavras que costumam permear o debate, a ideia de que esse grupo precisa receber todos os incentivos para que adie a aposentadoria, e não para que a antecipe, como é mais comum.

Em vários países, as pessoas estão se aposentando cada vez mais cedo. Como inverter a tendência? Antes de tudo, os governos precisam enfrentar o corporativismo e a resistência de gente que não quer perder benefícios e, enfim, aumentar a idade mínima para a apo-

“As pessoas de 70 anos hoje estão tão ou mais saudáveis que as de 60 de três décadas atrás. Elas precisam começar a receber incentivos para adiar a aposentadoria, e não para antecipá-la, como é comum”

sentadoria. Os números atuais espelham um tempo em que as pessoas não só viviam menos como atravessavam os anos de velhice com grande dificuldade. Houve uma mudança radical aí, com ganhos extraordinários na qualidade de vida dos que já cruzaram os 60 anos, mas os sistemas previdenciários infelizmente não a acompanharam. Junto à inadiável reforma, os países que já concentram um número considerável de gente no topo da pirâmide etária deveriam começar a refletir também sobre mecanismos bem concretos para estimular a permanência dessa turma no mercado de trabalho.

A que tipo de incentivo o senhor se refere? Basicamente, a incentivos de ordem fiscal, que podem ser concedidos, por exemplo, aos empregadores que contratarem funcionários mais velhos. Se estes continuarem em atividade, não apenas deixarão de impactar negativamente as finanças públicas como permanecerão pagando impostos e produzindo riqueza. No final, isso é bem-vindo aos cofres do governo, à economia do país como um todo e também às poupanças de cada um. Evidentemente, quanto maior o capital acumulado, melhores serão os anos que se se-

guirão na velhice. É crucial dar um empurrão nesse grupo para que ele junte mais dinheiro enquanto ainda conta com a renda do trabalho. Nos Estados Unidos, já começam a surgir iniciativas eficazes nesse sentido. Elas aliviam nos impostos, fornecendo subsídios justamente para que os mais velhos se sintam compelidos a economizar.

As pessoas costumam poupar para a velhice? Os números mostram que isso não é uma verdade universal. O que dá para afirmar com toda a segurança é que, vistos como um grupo, os mais velhos são sempre os que concentram mais dinheiro no banco e patrimônio físico. A lógica se repete em realidades tão distintas quanto a dos Estados Unidos e a do Brasil. Entre os americanos, ainda que muitos tenham recentemente perdido capital com a crise, uma parcela já considerável chega a essa fase da vida em boa situação. Eles têm tempo, disposição e verbas para gastar. É outro lado positivo do fenômeno do envelhecimento para o qual, em geral, pouca gente atenta.

Em que medida a redução da força de trabalho em países europeus representa um obstáculo para que eles deixem o marasmo econômico? Sem dúvida, a demografia não favorece o cenário. Por isso, a Europa precisa agir rapidamente para tentar suavizar os efeitos do envelhecimento, e já o faz com atraso. As discussões em torno de mudanças no sistema previdenciário, que naturalmente levarão à perda de benefícios, têm emperrado em argumentos que prescindem de qualquer racionalidade. Basta o assunto vir à baila para suscitar protestos indignados nas ruas das principais capitais. Vira um debate meramente político e ideológico, que passa ao largo do mais óbvio: se nada for feito, esses países, cedo ou tarde, quebrarão. Os Estados Unidos levam certa vantagem, já que mantêm uma taxa de fecundidade razoavelmente alta (de dois filhos por mulher, em média), com a perspectiva de muita gente qualificada ainda por ingressar no mercado de trabalho. Mesmo assim, também preci-

sam encarar a mudança. Para que a conta feche, as autoridades terão de entender de uma vez por todas que a previdência não poderá mais seguir em moldes tão generosos quanto os do passado. Ingressamos em outra era.

Uma presença mais intensiva de imigrantes qualificados não poderia atenuar a falta de braços nesses países? A curto prazo, pode até ter um impacto positivo, mas certamente não resolverá a questão em um horizonte mais distante. Afinal, se no princípio os estrangeiros se juntam à força produtiva e contribuem pagando impostos, futuramente também se tornarão um peso para a previdência e para o sistema de saúde dos países que os acolheram. Imigração, aliás, é outro daqueles temas em que as ideologias costumam se sobrepor à objetividade.

Por que o senhor diz isso? Nesse debate, as pessoas costumam se dividir em dois grupos: o primeiro repudia os "invasores", temeroso de que roubem suas oportunidades, e o segundo os alça à condição de tábua de salvação. Resolvi estudar a fundo os efeitos da imigração na economia dos Estados Unidos, e a conclusão é que nenhuma dessas duas turmas está certa. Como política pública, é um jogo de soma zero. Precisamos começar a encarar o problema de forma mais realista, e já. Afinal, o contingente dos que ultrapassam os 60 anos só fará aumentar daqui para a frente, e a velhice tende a ser uma fase cada vez mais longa.

Quais são as previsões em relação à expectativa de vida? Segundo projeções recentes, nos países mais ricos as pessoas passarão até o fim deste século a viver quase dez anos mais do que hoje. Significa que, a cada década, a expectativa de vida subirá um ano, o que é bastante relevante. No Japão, onde já se vive, em média, 84 anos, o número saltará para 92. Em países que partem de patamares mais baixos, como o Brasil e outros da América Latina, espera-se que os ganhos na longevidade sejam de dois a três anos por

“O Brasil passa por um aceleradíssimo processo de envelhecimento da sua população. As autoridades precisam entender que não dá mais para manter um sistema tão benevolente em relação aos idosos”

década, até que eles alcancem o nível dos mais desenvolvidos. Esses dados reforçam a necessidade de não só as autoridades mas também os cientistas acelerarem o passo. Eles têm um papel crucial aí.

Em que sentido? A ciência tem o desafio de prover respostas cada vez mais rápidas aos problemas de saúde que já se disseminam nessas sociedades mais envelhecidas. Com o aumento da expectativa de vida, é certo que as doenças crônicas se tornarão mais frequentes e que as pessoas conviverão com elas por mais tempo. Por outro lado, ênfase, será possível usufruir mais anos de vida em plena atividade, graças aos avanços já registrados. Acredito que o saldo dessa conta do envelhecimento penda para o lado positivo, com as pessoas vivendo cada vez mais e melhores anos. Vai depender muito, claro, de quanto e com que rapidez a medicina conseguirá evoluir. Quanto mais célere ela for, menos pressão haverá sobre os sistemas de saúde.

O senhor estuda o assunto em 28 países. Quais são os mais generosos com os idosos? Os da América Latina, sem dúvida, e, entre eles, o Brasil. Para se ter

uma ideia, a discrepância entre o que o governo brasileiro destina aos mais velhos e às crianças é de quase dez vezes em favor dos idosos. No Japão, essa diferença é de 1,6. Nos Estados Unidos, ela não passa de 1,4. Tamaña generosidade teve, de fato, impacto na redução da pobreza, especialmente nas zonas rurais, para as quais as transferências foram maciçamente canalizadas no Brasil. O fato é que não dá mais para o governo se manter tão benevolente. O país passa por um aceleradíssimo processo de envelhecimento de sua população. Isso ocorre não só porque a expectativa de vida cresce, mas também porque as taxas de fecundidade despenham. As brasileiras já têm, em média, menos filhos que as americanas.

Ao contrário dos países mais ricos, o Brasil custou a investir maciçamente em educação, e o nível geral nas escolas ainda é muito baixo. Perdemos uma oportunidade única do ponto de vista demográfico? Não completamente. O Brasil ainda pode aproveitar o que resta de seu período de bônus demográfico (*momento em que os adultos produtivos superam numericamente as crianças e os idosos*), previsto para terminar até o fim desta década. O ritmo de crescimento da economia é bom e o país tem condições de investir firmemente em capital humano. Não vejo outro caminho para lidar com a questão do envelhecimento. Apenas assim, repito, torna-se possível elevar a produtividade e suavizar os efeitos desse processo, que daqui para a frente só vai se acentuar.

O que se pode aprender com a experiência dos países que começaram a envelhecer antes? Não citaria nenhum deles como caso exemplar. Na verdade, são contraexemplos, já que custaram a compreender que teriam de vencer as barreiras políticas e ideológicas e levar as mudanças a cabo, ainda que elas fossem impopulares. Até hoje, avançam muito lentamente. Mas vejo com otimismo alguns sinais de que finalmente entenderam que o mundo onde vivemos está passando por uma intensa e irreversível transformação. ■